

REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM CONTEXTOS SOCIAIS BILÍNGUES

Rozele Borges Nunes¹

Resumo

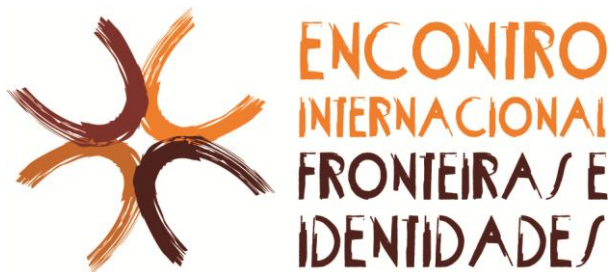
Esse artigo tem por objetivo discutir teoricamente sobre as práticas de letramento em famílias bilíngues descendentes de poloneses no município de Dom Feliciano/ RS, que teve seu processo de formação ligado à imigração em 1890. Para entender essa rede complexa que envolve as práticas e eventos de letramento utilizar-se-á Street (1997) e Kleiman (1995, 2005) como suporte para interpretar a realidade sociocultural da comunidade. Na configuração das trajetórias individuais desses sujeitos pretende-se utilizar a “teoria do ator plural” embasada em Lahire (1997, 2002, 2004, 2006), para qual o ser humano é formado por uma multiplicidade de disposições incorporadas em contextos socializadores diferenciados, constituindo-se como produto desses múltiplos processos. O conjunto interativo das lógicas contextuais e disposicionais irão compor os diferentes comportamentos culturais e terão reflexo no modo de agir. Dessa maneira essa proposta busca uma análise cultural individualizada do contexto polonês, a fim de compor retratos sociológicos que entrelaçam o passado e o presente para uma interpretação da realidade social bilíngue em contextos de letramento.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo principal discutir alguns pressupostos teóricos a fim de interpretar a manutenção de práticas bilíngues em famílias formadas por descendentes de imigrantes poloneses no município de Dom Feliciano/ RS. Dessa forma, utiliza-se o termo letramento como prática social, pois engloba a importância que diferentes atividades de leitura e escrita exercem na comunidade na tentativa de elucidar os significados e os valores atribuídos a essas práticas mantidas pelas famílias residentes no local.

Para entender a realidade sociocultural e linguística de um grupo social é necessário aprofundar sobre todos os aspectos que envolvem a comunidade. Além disso, é fundamental a

¹ Graduação em Geografia/ UFPel, Mestre em Geografia/ FURG, Doutoranda em Educação PPGE/ UFPel; professora de Geografia no Instituto Federal do Rio Grande do Sul/ Campus Rio Grande; E-mail: rozele.nunes@riogrande.ifrs.edu.br



interpretação da cultura a partir das singularidades individuais, que são produto da interação entre forças internas (disposicionais) e forças externas (contextuais). Dessa forma, as disposições incorporadas estão vinculadas a pluralidade de experiências socializadoras, enquanto as forças externas relacionam-se aos contextos das práticas e das ações, que em conjunto formam o modo de agir.

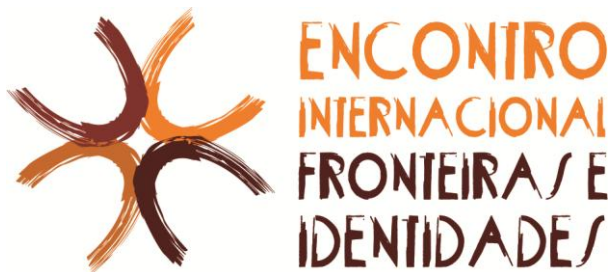
Dessa forma, a cultura é incorporada continuamente a partir da realidade histórica, social e educacional. Para a compreensão da realidade cultural do indivíduo é preciso um estudo aprofundado em diferentes escalas, pois “O caráter heterogêneo do leque individual de práticas e de gostos só pode ser explicado levando em conta a pluralidade de lógicas contextuais e disposicionais que guiam os comportamentos culturais.” (Lahire, 2006, p. 28). É com essa perspectiva que se pretende embasar a proposta de cunho teórico, principalmente em Lahire (2002, 2004, 2006) e Street (1997) pela análise cultural individualizada do contexto social que permite compor interpretações que entrelaçam o passado e o presente em uma abordagem complexa da comunidade bilíngue.

INTERPRETANDO O CAMPO SOCIAL

Entender as práticas sociais de leitura e escrita em comunidades bilíngues pode nos dar o suporte para interpretar a realidade sociocultural de uma comunidade. Nesse sentido os estudos realizados por Street (1997) desafiam a interpretar a complexidade prática do conceito de letramento, superando sua utilização somente no campo da educação e vinculando seus estudos a práticas em contextos culturais minoritários, preferindo “falar de práticas de letramento do que de “letramento como tal”(p. 466). Dessa forma, abre espaço para pensar na multiplicidade de letramentos, imbricadas também pelas relações de poder.

Dessa forma, Street (1997) e Kleiman (1995) são precursores de novos estudos sobre o letramento como um conjunto de práticas sociais mediadas pelo escrito. De acordo com os estudos de Ribeiro (1991) a utilização do conceito² de letramento no Brasil passou a ser

² Segundo Kleiman (1995, p. 17) o termo “letramento” foi cunhado por Mery Kato em 1986. Esse termo ainda não está dicionarizado pela variedade de estudos que abarca.



utilizado para separar os estudos sobre a alfabetização no espaço escolar e as práticas de letramento que ocorreram fora dos muros da escola, ou seja, passou a analisar os usos da escrita em grupos minoritários.

A abordagem que se pretende dar a esse trabalho segue essa perspectiva, pois pretende buscar suporte para interpretar as práticas de letramento³ por uma comunidade de descendentes de poloneses na região sul do Brasil, estando particularmente relacionada aos eventos de letramento que ocorrem nessa comunidade vinculados à família, igreja e festas nas comunidades em que o repertório de práticas orais⁴ bilíngue representam a identificação social desse grupo. Dessa maneira o letramento também se enquadra como uma prática social mediada pelo escrito que representa um determinado sistema simbólico. Kleiman (1995) explica a abrangência de utilização desse conceito:

O fenômeno de letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização [...]. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes. (KLEIMAN, 1995, p. 20)

Esses apontamentos nos revelam a complexidade de realidades fora do espaço escolar que são abarcadas por esse conceito, tanto na família, na igreja como em espaços sociais em que ocorrem diferentes manifestações culturais. Na perspectiva de Street (1997, p. 466) é preciso superar a concepção autônoma de letramento relacionado a neutralidade dentro de uma concepção ocidental de letramento/alfabetização e evoluir para um modelo “ideológico” de letramento em que “o significado e os usos das práticas de letramento estão relacionadas

³ De acordo com o Glossário CEALE (2014): A expressão *eventos de letramento* refere-se aos elementos mais observáveis das atividades que envolvem a leitura e a escrita, enquanto o conceito de *práticas de letramento* distancia-se do contexto imediato em que os eventos ocorrem, para situá-los e interpretá-los em contextos institucionais e culturais a partir dos quais os participantes atribuem significados à escrita e à leitura, e aos eventos de que participam. O uso do plural em ambos os conceitos (eventos e práticas) indica que a atribuição de valor social aos usos da escrita varia de um grupo social para outro, é objeto de disputa e depende do jogo de forças econômicas, religiosas e políticas num determinado contexto, ou entre um contexto local e contextos mais distantes. (*grifos meus*)

⁴ Para Kleiman (1995, p. 18) “De fato, a oralidade é objeto de análise de muitos estudos sobre letramento.”



com contextos culturais específicos; e que essas práticas estão sempre associadas com relações de poder e ideologia.”

Assim, há diferentes letramentos que podem ser relacionados ou associados a diferentes identidades, pois o conceito de letramento abarca níveis diferenciados de utilização da escrita e sua mediação com as práticas sociais, assim como o simbolismo identitário que envolve essas práticas sociais.

Para entender esses microcontextos e as mudanças que ocorreram nessa comunidade, relacionadas ao usos do polonês/português, desde a vinda dos primeiros imigrantes em 1890, pretende-se a análise em escala individual. Para captar essas diferentes interfaces que se vinculam as diferentes esferas de experiências dos descendentes de poloneses se priorizará a construção de perfis sociológicos desses indivíduos, fazendo uma composição de suas trajetórias individuais com a utilização do bilinguismo, mediação com a escrita e sua ação prática nos eventos de letramento. Essa análise pode nos mostrar a relação que estes mantêm com a cultura letrada e a permanência na utilização da língua polonesa como prática identitária desse grupo social através dos significados atribuídos a leitura e a escrita em eventos de letramento.

Para a constituição desses processos sociais singulares a proposta vislumbra combinar um conjunto de situações investigadas, desde entrevistas em profundidade, utilização de questionários, observação de eventos de letramento e análise do acervo dos sujeitos de pesquisa. Lahire (1997) será utilizado como aporte metodológico nessa pesquisa, pois apresenta importante contribuição em seus estudos que buscam compor um entendimento complexo das trajetórias individuais em contextos múltiplos de socialização e heterogêneos. Nesse sentido, procura focar nos fenômenos de dissonâncias e de consonâncias que ocorrem em configurações familiares e no universo escolar (quando analisa o desempenho escolar diferenciado de crianças populares em séries iniciais) ou na configuração de perfis individuais.

Dentro dessa perspectiva Lahire (1997, p. 14) destaca que “Quando queremos compreender “singularidades”, “casos particulares” (mas não necessariamente exemplares), parece que somos fatalmente obrigados a abandonar o plano da reflexão macrossociológica fundada nos dados estatísticos para navegar nas águas da descrição etnográfica, monográfica”. Através dessa perspectiva é possível analisar a constituição das disposições sociais em



diferentes modalidades de socialização, tanto na família como no ambiente escolar e entender a construção dos esquemas mentais e comportamentais em uma escala variável de observação: de forma estruturada (social) e estruturante (individual). Como a constituição desses perfis está vinculada a intervenções externas e a diferentes condicionamentos sociais é preciso também interpretar as configurações sociais no qual a singularidade é gerida e posta em ação.

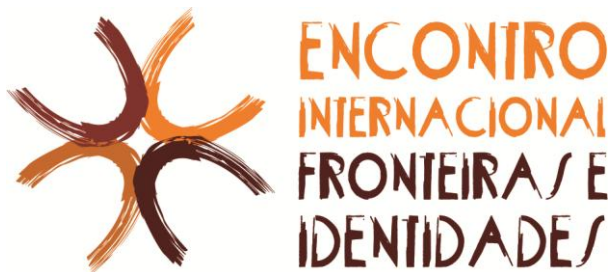
POR UMA ANÁLISE SINGULAR DO INDIVÍDUO

A constituição desses perfis e dessas disposições, segundo Lahire (1997) não é homogênea e nesse sentido é importante refletir sobre a “pluralidade das formas de vida social e formas de pensamento e comportamento⁵.” A constituição de disposições sociais coerentes está diretamente vinculada a maneira como o indivíduo interiorizou as práticas de socialização as quais foi submetido. O oposto, quando o indivíduo é colocado no seio de mundos sociais não homogêneos ocasionará variações de atitudes de acordo com a disposição que será reativada, isso porque disposições geradas em um certo contexto podem ser transferidas para outro.

Existe sempre, em cada ser social, em qualquer grau, competências, maneiras de ser, saber e habilidades, ou esboços de disposições, delineadas porém não atualizadas em algum momento da ação, ou, de maneira mais ampla, em algum momento da vida, que podem ser postas em ação em outros momentos, em outras circunstâncias. (LAHIRE, 1997, p. 36)

Esses imbricamentos que se pretende aprofundar para entender o uso da linguagem polonesa como repertório cultural de caracterização de um grupo social. Somente através dessa ótica microscópica é capaz de compreendermos as transformações culturais, recorrências e contradições que ocorreram no longo período de tempo que nos separam do início do processo colonial na região e que repercutiram na constituição das configurações

⁵ Lahire (1997, p. 18)



sociais atuais. Para Lahire (1997, p. 39) as configurações sociais podem ser definidas como “o conjunto de elos que constituem uma “parte” (mais ou menos grande) da realidade social concebida como uma rede de relações de interdependência humana.” Desvendar partes dessas configurações (perfis sociais) e relacioná-las ao contexto no qual foram constituídas é tarefa investigativa.

A interpretação desse ator plural procura revelar que um mesmo indivíduo pode ter incorporado um repertório diferenciado de papéis ao longo de sua trajetória, dessa forma dentro de um mesmo grupo identitário ocorre apropriações diversas do social. Nesse sentido, Lahire (2002, p. 20) destaca que: “O que pode parecer terrivelmente homogeneizador num caso (a sociedade) parece incontestado no outro (o habito, o estilo de vida).” Assim, as diferentes teorias da ação se assentam em polos diferenciados, existem as que priorizam a unicidade do ator e as que se pautam na fragmentação interna, a caracterização de cada uma delas dependerá das condições sócio-históricas. A multiplicidade de hábitos incorporados ao longo de nossa trajetória serão definidores da unicidade ou da fragmentação interna do ator. Nesse contexto cabe explicar que:

A coerência dos hábitos ou esquemas de ação (esquemas sensório-motores, esquemas de percepção, de apreciação, de avaliação...), que cada ator pode ter interiorizado, depende, portanto, da coerência dos princípios de socialização aos quais esteve sujeito. Uma vez que um ator foi colocado, simultânea ou sucessivamente, dentro de uma pluralidade de mundos sociais não homogêneos, às vezes até contraditórios, ou dentro de universos sociais relativamente coerentes mas que apresentam, em certos aspectos, contradições, então trata-se de um ator com o estoque de esquemas de ações ou hábitos não homogêneos, não unificados, e com práticas conseqüentemente heterogêneas (e até contraditórias), que variam segundo o contexto social no qual será levado a evoluir. (LAHIRE, 2002, p. 31)

Assim cada indivíduo está sujeito a diferentes formas/princípios de socialização, podendo incorporá-los, em certos casos, de forma contraditória. Esses momentos diferenciados de socialização se dão em momentos diferentes da vida social, na família, na escola, na igreja, no trabalho e na sociedade de modo geral. Dentro do próprio universo familiar podem ocorrer essas variações, como a questão do bilinguismo que será investigado nessa pesquisa, em que não são em todos os momentos que as famílias falam o polonês, havendo dentro desse universo exigências variáveis dessa disposição.



Lahire (2002), explica que as disposições (esquemas de ação) são colocados em repertórios diferentes uns dos outros, mas que possuem interligação entre si e possuem elementos em comum. Esses esquemas não são necessários em todos os momentos e contextos, eles ficam armazenados, “estocados”, à disposição para o momento em que for necessário utilizá-los. Dessa maneira, são colocados temporariamente ou por um longo tempo em reserva, aguardando os desencadeadores de sua efetivação.

[...] Os repertórios de esquemas de ação (de hábitos) são conjuntos de sínteses de experiências sociais que foram construídas/incorporadas durante a socialização anterior nos âmbitos sociais limitados/delimitados, e aquilo que cada ator adquire progressivamente e mais ou menos completamente são tanto hábitos como sentidos da pertença contextual (relativa) de terem sido postos em prática. Aprende/compreende que aquilo que se faz e se diz em tal contexto não se faz nem se diz em outro contexto. (LAHIRE, 2002, p. 37)

Esses repertórios são formados pela participação em processos sociais diferentes, quanto mais repertórios forem armazenados maior será a pluralidade interna dos atores, devido os esquemas de ação que incorporou ao longo do tempo. Como esses repertórios são geridos em períodos diferentes permite interpretar experiências passadas: o passado incorporado em experiências socializadoras anteriores e desencadeados pela configuração da situação presente. Esse retorno ao passado permite interpretar a origem do bilinguismo, as situações, vivências em que foi posto em ação, se perpetuando até o momento atual de uma geração a outra, ou seja “a pluralidade das lógicas de ação nas quais o ator foi e é levado a se inscrever⁶.”

Nesse sentido o ator é o resultado da incorporação, em forma de esquemas, de experiências em situações diferentes. Essas disposições só podem ser vistas quando colocadas em ação, podendo haver segundo Lahire (2002) disposições em “estado de virtualidade”, que como não são colocadas em ação, ficam sem se atualizar. Para interpretar essa realidade é preciso uma imersão no contexto social do indivíduo, pois é preciso “levar em conta experiências passadas incorporadas por cada ator, mas é preciso utilizá-la com precaução, sem generalização abusiva, buscando sempre as manifestações e contramanifestações dessas

⁶ Lahire (2002, p. 47)



disposições, circunscrevendo seus campos de ativação e seus campos de inibição.” (Lahire, 2002, p. 58). Assim, a disposição seria o princípio da ação, da prática, do comportamento⁷.

A ação (a prática, o comportamento...) é sempre o ponto de encontro das experiências passadas individuais que foram incorporadas sob forma de esquemas de ação (esquemas sensorio-motores, esquemas de percepção, de avaliação, de apreciação, etc), de hábitos, de maneiras (de ver, de sentir, de dizer e de fazer) e de uma situação social presente. Diante de cada situação “nova” que se apresenta a ele, o ator agirá “mobilizando” (sem necessária consciência dessa mobilização) esquemas incorporados chamados pela situação. (LAHIRE, 2002, p. 69)

O contato com um determinado lugar, com uma comida ou qualquer detalhe pode desencadear uma lembrança e ativar um esquema de ação, um hábito⁸ que estava em estado de vigília e passa a ser desencadeado para agir. Muitos desses esquemas que são construídos no convívio familiar passam por um processo de ruptura no universo escolar, principalmente no que corresponde ao ensino da língua.

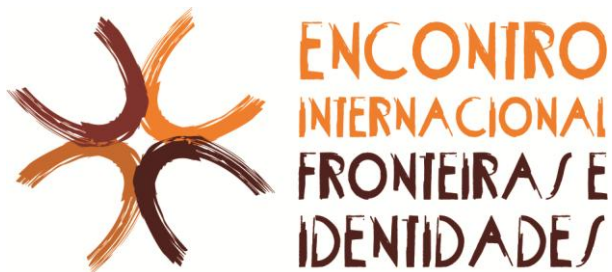
Lahire (2002) destaca em pesquisa feita com crianças de diferentes níveis sociais que existem diferentes maneiras de apreensão da escrita e da leitura de acordo com a maneira em que são instigados pela família. Assim, as crianças incorporam, implicitamente, certos hábitos à sua relação com a escrita e leitura, e a família acaba se tornando modelo de identificação. Nesse caso peculiar em que a família possuiu uma relação diferente com a linguagem, as formas de apropriação se tornam ainda mais difíceis, pois muitos falam a língua portuguesa fortemente marcada pela presença do dialeto polonês⁹.

É nesse contexto cultural, com fortes traços do dialeto polonês que convivem os alunos das escolas rurais do município, atualmente sem nenhuma atenção a essa diversidade

⁷ Esse campo de estudos se inscreve em uma sociologia psicológica, que procura estudar o indivíduo que atravessa cenas sociais diferentes de forma única, individualizada, incorporada.

⁸ Segundo Lahire (2002), só existe hábito e esquema de ação se houver repetição voluntária ou involuntária. Portanto, a teoria do *habitus* explica a lógica das práticas, que muitas vezes são marcadas pelo domínio simbólico, podendo haver a distinção entre “*habitus* práticos” (funcionam no domínio prático) e “*habitus* reflexivos” (funcionam no domínio simbólico).

⁹ O sotaque polonês faz parte do linguajar dos alunos entrevistados durante a pesquisa de mestrado, mistura-se nesse conjunto o modo de falar rural, em uma relação do *habitus* incorporado na linguagem: “*Vivemo do fumo, que é a cultura do município, plantemo feijão, milho, mas o que dá renda é o fumo. Isso é subsidiado por uma empresa, vendemo o fumo e vem o dinheiro todo junto... tem que dá pra todo ano, desde que nasci é isso. Eu chego do colégio e tem que ajudar em casa, as vez não dá pra estudar.*” (Entrevista com aluno D, disponível na dissertação de mestrado, NUNES, 2011)



linguística. No entanto, no início do processo de alfabetização em Dom Feliciano, como não havia escolas, as aulas eram ministradas nas residências pelos próprios colonos tanto em polonês quanto em português.

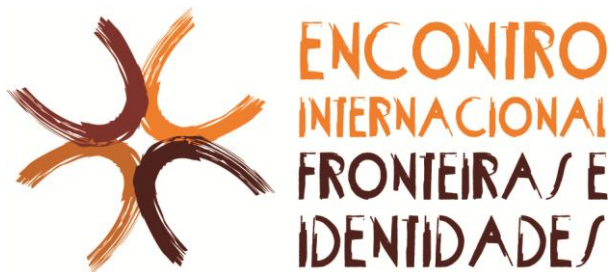
A escola visa antes de tudo – antes mesmo da correção da expressão – a uma relação com a linguagem. Uma relação reflexiva, distanciada, que permite tratar a linguagem como um objeto, dissecá-la, analisá-la, manipulá-la em todos os possíveis sentidos e descobrir aí regras de estruturação interna. Objetivar a linguagem é fazê-la passar por uma transformação ontológica radical. A criança estava *na* sua linguagem, doravante a criança tem a linguagem *diante* de si e a observa, divide, sublinha, classifica, põe em categorias. A criança se serve da linguagem para dizer ou fazer coisas e quase poderia ignorar a sua existência, de tal maneira sua presença era indissociável das situações, dos objetos designados, dos outros, das intenções, das emoções e dos atos. (LAHIRE, 2002, p. 104)

Como na escola as crianças são condicionadas a entrarem em um universo linguístico estruturado acabam se distanciando dos esquemas de ações construídos dentro do universo familiar, como a prática bilíngue, pois a relação com a palavra não está mais vinculada a vida diária e ao domínio simbólico, mas sim formal. Dessa maneira a escola não pode restringir a expressão somente à linguagem formal, mas precisa considerar a realidade também das classes populares que apresentam diferentes formas de interpretar a realidade. Se o universo familiar está distante dessa realidade linguística a dificuldade se torna ainda maior, pois a única inserção com esse universo diferente será na escola.

Nesse sentido, a linguagem é ferramenta importante para interpretar os fenômenos sociais e os processos de incorporação¹⁰ dos hábitos, pois para Lahire (2002, p.162) é preciso “dar à linguagem (às suas diferentes formas e às suas diferentes funções sociais e mentais) o seu lugar certo na análise dos fenômenos de incorporação de hábitos e de esquemas de ação.” Negligenciar o seu papel e as práticas de uso da linguagem é obscurecer a relação dos sujeitos com o mundo, pois a linguagem está na gênese de todas as formas de vida social.

Dessa forma, os sujeitos evoluem de acordo com os contextos sociais que são levados a percorrer durante a sua trajetória social, são produto de suas experiências vividas. Para interpretar esses múltiplos contextos Lahire (2002) utiliza a metáfora da dobradura social

¹⁰ Cabe destacar que Lahire (2002) critica a teoria de Bourdieu, quando ressalta que as “estruturas sociais são incorporadas”, pois para ele o indivíduo é singular e interioriza “esquemas de ação”, de percepção, de habilidades sensorio-motriz, esquemas estratégicos etc. Dessa forma, o *habitus* não é coletivo e sim individual.



para interpretar as experiências acumuláveis e até mesmo contraditórias que os indivíduos interiorizaram em seus múltiplos contextos.

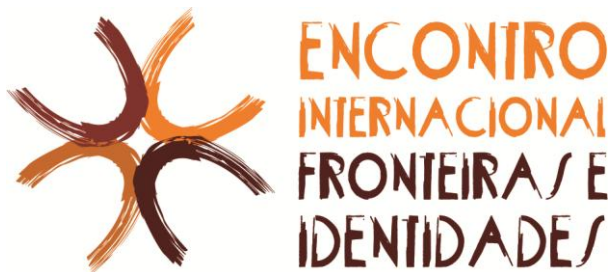
A metáfora da dobra ou da dobradura do social é duplamente útil para nós. Antes de tudo, a dobra designa uma modalidade particular de existência do mundo social: o social (e suas lógicas plurais) em sua forma incorporada, individualizada. Se nós representarmos o espaço social em todas as suas dimensões (econômicas, políticas, culturais, religiosas, sexuais, familiares, morais, esportivas, etc., dimensões essas grosseiramente designadas e que são em parte indissociáveis e em parte decomponíveis em subdimensões) na forma de uma folha de papel ou de um pedaço de tecido (trata-se, pois, geometricamente, de uma estrutura plana), então cada indivíduo é comparável a uma folha amassada ou a um tecido amarrotado. (LAHIRE, 2002, p. 198)

Com essa interpretação podemos ter uma análise em escala individualizada da sociedade. Para ele a dobra representa uma modalidade singular do social. Dessa maneira, cada indivíduo, devido suas experiências é comparado com um papel amassado, dobrado, em consequência da complexidade dos processos sociais (planos) interiorizados. Cada sujeito reagirá de forma diferente às imposições sociais e caberá ao pesquisador interpretar essas particularidades, essas dobraduras individuais que faz de cada ator um ser único e pode nos revelar o entendimento da sociedade de forma complexa, pois o “interior”, nada mais do que o reflexo do “exterior” dobrado.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Assim, pode-se compreender o perfil do descendente polonês atualmente, quais os múltiplos processos que o engendram, os contextos em que utiliza a prática bilíngue e as permanências e rupturas nos hábitos culturais que foram transmitidos pelo grupo familiar. Devido as inúmeras interferências que sofreu, interiorizou formas próprias de vivências em seus contextos familiares, escolares e sociais em consequência das cenas sociais que foi levado a incorporar.

Portanto, reconstruir as trajetórias singulares dos descendentes de poloneses no município de Dom Feliciano/RS levando em consideração suas histórias de vida se torna essencial para entender a permanência das práticas culturais na comunidade. Contextos que



ocorreram em uma escala macro podem ser relidos a partir de um enfoque totalmente novo e desconhecido quando se permite focar a observação na análise singular. Essa análise individual é fundamental para a interpretação do uso do bilinguismo em outros espaços sociais, como na igreja, nas festas comunitárias e nas reuniões familiares onde ocorre a manutenção do vínculo identitário através da oralidade. Dessa forma, os sujeitos evoluem de acordo com os contextos sociais que são levados a percorrer durante a sua trajetória social, se tornando produto de suas experiências vividas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRADE, Isabel Cristina; VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. *Glossário CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, 2014.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (org). *Os significados do letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

_____, Bernard. *Homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____, Bernard. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

RIBEIRO, Vera Masagão. Uma perspectiva para o estudo do letramento: lições de um projeto em curso. In: KLEIMAN, Angela B. (org). *Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

SIMÕES, Regina; FILHO, Luciano Mendes de Faria. História e historiografia no pensamento de Carlo Ginzburg: tecendo diálogos com a pesquisa histórica em educação. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria. *Pensadores sociais e a história da educação II* Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

STREET, Brian. *Perspectivas interculturais sobre o letramento*. Filologia e Linguística Portuguesa. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997.